Elizabeth Farina
Diretora presidente da UNICA (União da Indústria de Cana-de-açúcar)

A indústria continua em crise

Por Paulo Roque

EM ENTREVISTA exclusiva à ***Agroanalysis***, a presidente da UNICA, Elizabeth Farina, ao fazer uma análise do setor sucroenergético brasileiro, alerta para o fato de que não existem condições favoráveis para a retomada de investimentos em novas unidades e expansão da capacidade industrial. Professora titular aposentada da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), ocupou vários cargos na área educacional e administrativa. Membro do Center for Organization Studies (CORS) da USP, por mais de dez anos foi vice-coordenadora do Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial (PENSA) da FEA/USP. Sua experiência na área de organização industrial concentrou-se principalmente em temas ligados à defesa da concorrência e estratégias de competitividade, especialmente para atividades ligadas ao agronegócio.

AGROANALYSIS Podemos dizer que a indústria de cana-de-açúcar superou o período de crise dos últimos anos?

ELIZABETH FARINA Não, mas passamos por um período melhor. Saímos de um período de baixíssima produtividade e recuperamos investimento em renovação dos canaviais. Isso colaborou para o aumento da produtividade e gerou efeitos positivos numa situação de pressão de custos e de endividamento. Nesse aspecto, podemos dizer que estamos em uma curva ascendente em termos de produção e produtividade da cana. Contudo, o setor não superou a crise. Continuamos com um número grande de empresas em estado elevado de endividamento, com pressão de despesas operacionais e sem a perspectiva de ter uma receita suficiente para cobrir todos os compromissos. Por isso, como não existem condições favoráveis para a retomada de investimentos em novas unidades e expansão da capacidade industrial, o setor continua em crise.

AGROANALYSIS O período pós-2008 deixa alguma lição?

EF Certamente. Primeiramente, foram anos muito difíceis. Bastante alavancada, a indústria foi pega no contrapé por conta de um ciclo muito virtuoso de investimento, que sofreu uma interrupção com a crise internacional. Apesar disso não ter relação direta com o etanol, acabou criando uma dificuldade para as empresas mais endividadas, em função dos seus investimentos. Em segundo lugar, os programas de expansão de energias renováveis no mundo se ressentiram, tanto os europeus, quantos os americanos. O quadro recessivo tocou os países desenvolvidos, principalmente o continente europeu, que



UNICA - MARCELA AYABE

> “... a política de controle da inflação, com a aplicação do congelamento no preço da gasolina, é negativa para o etanol.”

deixou para segundo plano as políticas relacionadas às mudanças climáticas. O pensamento da economia verde, como uma maneira de reativar os negócios europeus, parece não se concretizar. Do ponto de vista da demanda internacional, houve um arrefecimento.

Do lado brasileiro, imprimiu-se uma política de controle de preços da gasolina, o principal concorrente do etanol, que coloca um teto no seu preço e rentabilidade. Esse período mostra a dependência de competitividade na nossa indústria, baseada em ganhos de produtividade e de eficiência com os novos investimentos. É um grande desafio, em função do tamanho do endividamento. Para otimizar o investimento realizado, é preciso mais recursos. Isso acontece com a inauguração dos primeiros 200 quilômetros do etanolduto entre Ribeirão Preto e Paulínia, que chegará até Goiás. O montante do dinheiro envolvido é tremendo.

Agroanalysis E o investimento ajuda a superar a crise?

EF Na verdade, o investimento ajuda a otimizar as aplicações já realizadas com as unidades em operação. É o capital em infraestrutura de produção, como armazenagem, novas variedades e manejos agrícolas, mas não em nova capacidade industrial. Sem investimento em novas unidades, não há demanda de equipamentos em quantidade suficiente para reacender o dinamismo da indústria de capital voltado para o setor; então, não superamos a crise. Em relação ao passado, estamos melhores. Provavelmente, a indústria de cana-de-açúcar sairá mais forte desse processo, porque estão sendo feitas inovações importantes, não só na parte agrícola, mas principalmente na parte de infraestrutura. É um enorme desafio, do qual nem todos conseguem participar. Por isso, há fechamento de unidades. Quando se fala desse setor, é necessário muita cautela.

Agroanalysis A capacidade de processamento da cadeia está chegando ao seu limite?

EF Já é bastante conhecido que está chegando ao seu limite. Temos capacidade industrial para esmagar cerca de 700 milhões de toneladas. Estaremos, neste ano, perto de 630 milhões de toneladas. Aguentamos mais um crescimento por mais uma ou duas safras no máximo. Daí em diante, não teremos mais espaço ocioso para ser ocupado.

> “Continuamos com um número grande de empresas em estado elevado de endividamento...”

Agroanalysis Com a administração da gasolina voltada para o controle da inflação, sobra espaço para o etanol?

EF Não, pelo contrário. Quando se congela o preço da gasolina para evitar pressão de inflação, na verdade, o do etanol também é congelado, porque existe o substituto. No carro *flex*, a gasolina é o substituto direto. Então, se o preço da gasolina não se movimenta, o do etanol também não pode se mover, diante da pena de, se subir, perder o consumidor e, consequentemente, receita. A gasolina, o etanol e o petróleo estão vinculados pela decisão do consumidor na bomba. Ele olha o preço para saber se valerá a pena colocar o etanol. Portanto, a política de controle da inflação, com a aplicação do congelamento no preço da gasolina, é negativa para o etanol.

Agroanalysis Estamos preparados para retornar os investimentos para a expansão dos canaviais e de novas plantas industriais?

EF Com relação aos canaviais, fazemos esta expansão, tanto que, neste ano, teremos uma safra recorde. Como vimos, ainda existe uma pequena capacidade industrial ociosa para crescer. Mas, hoje, não temos condições econômicas para reativar um programa de investimentos em capacidade industrial em novas unidades.

Agroanalysis O reconhecimento do etanol da cana-de-açúcar como combustível ainda pode trazer alguma vantagem?

EF Atualmente, não se pode pensar em não produzir etanol. Por uma razão simples: existem investimentos nas usinas, sendo algumas dedicadas somente à produção de etanol; outras produzem somente etanol hidratado e não produzem o anidro. A decisão de investimento em açúcar e etanol anidro e hidratado está tomada. A flexibilidade não é de 100%. A média é ir de 10% para mais ou 10% para menos entre etanol e açúcar. O preço do açúcar no mercado internacional caiu muito. Trata-se de uma *commodity* com ciclos de altas e de baixas. Como estamos em um período de decréscimo, em algum momento, haverá subida, mas se, por hipótese, se convertesse a cana do etanol em açúcar, provocar-se-ia uma queda ainda maior no açúcar. Hoje, a alternativa é produzir etanol. Para o futuro, pode-se falar: será que este setor será tão grande quanto imaginávamos? O presidente Lula falava da invasão do etanol brasileiro no mundo, mas as condições objetivas mudaram. O programa japonês não decolou, o europeu

> “... não existe um ambiente para investir em novas usinas e produzir etanol para abastecer o mundo.”

revê as suas metas e o americano é muito questionado nos próprios Estados Unidos. Então, não existe um ambiente para investir em novas usinas e produzir etanol para abastecer o mundo.

Agroanalysis Mesmo assim, os esforços para aumentar a produção de etanol em outros países estão conseguindo resultados positivos?

EF São poucos os países produtores de cana-de-açúcar. Existe o etanol de outras matérias-primas, como trigo, milho, beterraba. Há um esforço positivo para ter um mercado nacional de etanol. Isso traria segurança para o mercado de combustíveis, que precisa de certa regularidade. Como vem de área agrícola, o etanol de primeira geração tem movimentos de safra e entressafra, mas tem problemas de produção como em todo o agronegócio. Então, se existe um mercado internacional, as quedas de safra de um continente podem ser supridas por outros países e vice-versa. É muito importante o crescimento mundial da produção, mas isso não está acontecendo neste momento. Existem perspectivas positivas na África e na Austrália, mas o único comércio existente mesmo é entre Brasil e EUA, onde se eliminou as barreiras tarifárias e não tarifárias. O Brasil é um exportador líquido para os EUA, mas este comércio está em ameaça, diante da proposta de mudanças de regras que vai criar problemas para a nossa exportação.

Agroanalysis O Brasil ainda tem grande vantagem em relação aos outros países?

EF Sim. O etanol brasileiro é reconhecido como avançado, como nos Estados Unidos. Como é o maior redutor das emissões, o produto contribui para as questões climáticas. Sem dúvida alguma, o Brasil terá a melhor condição de produção deste combustível, inclusive de área disponível para produção. De fato, temos um produto com atributos muito competitivos.

Agroanalysis A produção brasileira crescerá mais orientada para o mercado interno ou externo?

EF Enquanto o mercado externo depende muito das políticas públicas, o comércio interno brasileiro é potencialmente muito grande. A maior ou menor dependência externa da oferta brasileira acontecerá de acordo com as políticas que estão sendo revistas tanto na Europa, quanto nos EUA e em outros países. A proposta do Parlamento europeu é rever para baixo os mercados de combustíveis de etanol derivados de primeira geração; está aberto à possibilidade de crescer a importância do etanol de segunda geração, que está ainda engatinhando no mundo, pois não existem usinas com operação em escala comercial. Alguns projetos no Brasil prometem para o próximo ano o início da operação comercial, mas ainda não sabemos se, de fato, isso será suficientemente competitivo.



UNICA - CACO PARISE

> “É importante fixar na cabeça do consumidor, na hora de escolher o combustível, que o etanol pode ser economicamente vantajoso, mas as suas outras vantagens não estão no preço.”

Agroanalysis As campanhas publicitárias ajudam a aumentar o consumo do etanol aqui no Brasil?

EF Acreditamos que sim. Contratamos uma empresa especializada para fazer essa avaliação do resultado da campanha. Houve um aumento importante do consumo, porque, durante a campanha, houve uma redução do preço na bomba, devido à safra muito boa que tivemos. Mas, existem vários motivos que levaram ao aumento do consumo do etanol. O setor percebeu que, mesmo com o preço favorável do etanol em relação à gasolina, o consumidor não respondia positivamente. A explicação está no período de preços elevados, por causa das safras ruins e baixa produtividade em 2010, 2011 e 2012. Isso fez com que o consumidor se acomodasse com o preço da gasolina. A campanha tem o objetivo de relembrar que o etanol também pode ser economicamente interessante, além de contribuir para a qualidade do ar e a saúde pública. Essas questões não aparecem diretamente no preço. É importante fixar na cabeça do consumidor, na hora de escolher o combustível, que o etanol pode ser economicamente vantajoso, mas as suas outras vantagens não estão no preço. Essa é a ideia da campanha. Seus resultados ainda estão em avaliação. ■